

Trajatória e atualidade das direitas na América Latina: entrevista com Ernesto Bohoslavsky

Renato Ferreira Ribeiro¹

337

Renato Ribeiro: O senhor tem se ocupado há muito tempo com o tema das direitas na América Latina, quando ainda as organizações de direita pareciam ser atores minoritários nos cenários políticos nacionais, com poucas chances de sucesso eleitoral. Como o senhor enxerga a evolução do campo de estudos sobre as direitas nas últimas décadas e, em especial, nos últimos anos? A academia e os pesquisadores estavam preparados para entender e explicar a recente onda de movimentos e governos de direita na América Latina e no mundo?

Ernesto Bohoslavsky: Eu acho que, de fato, as Ciências Sociais na América Latina têm concentrado os seus estudos especialmente nos sujeitos mais ligados à esquerda, intelectuais, estudantes, camponeses, operários, sujeitos normalmente considerados mais norteados pela vontade de mudança social. E, pelo contrário, aqueles sujeitos mais engajados com a manutenção da ordem geralmente

¹ Doutorando e mestre em Ciência Política pelo PPGPol-UFSCar, bacharel em Relações Internacionais pela UNESP-Franca.

eram muito menos estudados ou só eram pesquisados por quem tinha uma simpatia ideológica. Nas Ciências Sociais quem tem simpatia pela manutenção da ordem social normalmente é considerado leproso, um cara que ninguém quer tocar.

Essa é uma dimensão que é bem mais estrutural, de longo prazo. Mas nos últimos 10, 15 anos, o campo de estudos das direitas começou a crescer. Claramente não é um campo comparável em tamanho ao número de pesquisadores que estudam as esquerdas, mas claramente tem um desenvolvimento e agora a relação é um pouco mais equilibrada. A outra coisa que é característica desse campo é que é um campo que parte da necessidade de um diálogo entre as disciplinas sociais, principalmente entre a História e a Ciência Política. E acho que esse diálogo não é tão comum no campo de estudos das esquerdas, que é um campo no qual a Ciência Política não tem muito a dizer porque a Ciência Política atual não é muito interessada nem por esse tipo de atores nem pela análise do discurso. Tem toda aquela coisa dos modelos, de teoria dos jogos, *rational choice*, etc. Então eu colocaria como um ponto de destaque esse diálogo entre as Ciências Sociais.

338

E claro tem aquela coisa que você já mencionou, que é uma questão bem brasileira, a pergunta sobre como foi que ninguém viu isso, como foi que ninguém viu chegar o que ocorreu, o fenômeno Bolsonaro. Acho que foi dois anos atrás, o professor Rodrigo Patto nos visitou aqui em Buenos Aires e ele ofereceu uma fala no CLACSO. Precisamente ele falou sobre essa questão de como foi que ninguém viu esse trem chegando de frente para a gente. Ele colocou um conjunto de argumentos que acho que são bem convincentes sobre as limitações ideológicas e metodológicas das Ciências Sociais, especialmente das brasileiras. Eu colocaria também nesta série não só a chegada do Bolsonaro à presidência, mas também a derrota no plebiscito na Colômbia sobre os acordos de paz. A questão do Brexit, também não foi uma coisa prevista. E finalmente o triunfo do Trump nos Estados Unidos. Ninguém viu isso, ninguém num sentido geral, não num sentido literal. Acho que lá tem um conjunto de episódios, todos eles são lamentáveis, mas o importante é que as Ciências Sociais não puderam perceber esses resultados como possíveis. Penso que foi porque estão falidas algumas das tentativas de interpretar muito dos comportamentos, das condutas políticas da população, sobretudo da população que não faz parte das elites. Na minha perspectiva aparece um problema que é epistemologicamente e

politicamente central: a questão de por qué aquelas pessoas que têm as piores posições na distribuição de renda, de prestígio, de oportunidades fazem uma escolha política por lideranças e partidos que não vão defender os seus interesses. Qual é a ligação? Qual é a identificação? E penso que esse processo tem que ser estudado mais do que ser condenado. Por que se todo mundo continua falando sobre os coxinhas e sobre as suas limitações ideológicas, vamos ter Bolsonaro por mais quatro anos...

Renato Ribeiro: Gostaria que o senhor comentasse sobre as atividades desenvolvidas dentro do Grupo de Trabalho do CLACSO "*Derechas contemporáneas: dictaduras y democracias*", que o senhor coordena com a Prof Magdalena Broquetas, e a importância desse espaço de discussão no âmbito latino-americano.

Ernesto Bohoslavsky: Os grupos de trabalho do CLACSO na realidade são redes formalizadas, são guarda-chuvas que têm algum nível de institucionalidade mas que são muito mais um ponto de chegada, do que um ponto de saída. Os grupos de trabalho expressam muito mais um trabalho compartilhado prévio, do que o começo de alguma coisa. Nesse sentido, os grupos de trabalho representam um certo avanço em processo de pesquisa, mas sobretudo eu diria que expressam também a vontade de muitos pesquisadores e pesquisadoras de estabelecerem comunicações mais frequentes, mais densas, e sobretudo a possibilidade de pensar projetos mais ambiciosos.

Não é possível fazer reunião de todo o grupo, por que somos 60, 70 pesquisadores de 10, 15 países, que vem da França, Espanha, Estados Unidos, México, países da América Central. Então o que a gente faz são distintos eventos destinados a reuniões parciais. Nós temos reuniões específicas do grupo mas também tem aquelas reuniões que são mais massivas do próprio CLACSO, os grandes congressos de Sociologia, os congressos da LASA nos Estados Unidos, que são oportunidades de reunir as pessoas.

No caso do nosso projeto eu diria que temos duas grandes preocupações: uma, tem a ver com as possíveis pontes identificáveis entre a atividade da pesquisa e a intervenção pública. Quanto dos nossos conhecimentos sobre o que a direita faz

quando está no governo ou na oposição podem ser utilizados para pensar e para intervir na vida política. O CLACSO claramente propõe esse tipo de conexões entre vida acadêmica, militância, intervenções públicas, politização de alguns aspectos da vida social. E a segunda questão, tem a ver com o interesse por pesquisar, com o maior detalhe possível, dois grupos, que são as mulheres que se identificam como de direita (conservadoras, anti-feministas, etc.) e os jovens de direita, que geralmente são mais repudiados que estudados. O que são os jovens que estão com Bolsonaro? Provavelmente muitos deles são estúpidos, são idiotas, mas tem idiotas em toda parte. Porque eles estão lá? O que eles acham nessa proposta que é muito mais atrativo, que gera mais identificação? Essa pergunta nós utilizamos para pensar questões contemporâneas mas também questões passadas: quais foram os apoios sociais às ditaduras, aos movimentos autoritários, a vontade da repressão?. Então a tentativa do grupo é oferecer respostas mais complexas a esses problemas.

340

Renato Ribeiro: Participam desses grupos não somente historiadores como o senhor, mas pesquisadores de diferentes áreas das ciências humanas, como sociólogos e cientistas políticos. Como o senhor avalia a convivência entre as diversas áreas? Há conflitos ou a cooperação vem sendo a principal característica desta relação?

Ernesto Bohoslavsky: Todo mundo concorda que o trabalho interdisciplinar é a coisa mais legal do mundo, mas também é muito difícil. E tem boas razões para que ele seja difícil. Porque temos matrizes de pensamento, formas de pesquisa, campos de legitimação, revistas específicas. Então o diálogo é desejável, mas nem sempre é fácil e produtivo. Eu não falaria de conflitos entre as disciplinas, mas todo o tempo tem que fazer tarefa de tradução, de indicar como é que a sua disciplina responde essa pergunta ou porque você utiliza esse conceito e não outro. O tempo todo tem que fazer muita tradução entre as disciplinas e também entre os países. A coordenação do grupo requer esse tipo de habilidades para traduzir, para gerar um diálogo.

Renato Ribeiro: A direita gozou de longos períodos de dominância política nos países da América Latina, seja pela via eleitoral ou seja pela via ditatorial. É possível encontrar elementos comuns na trajetória das direitas latino-americanas? Podem ser definidos ciclos ou fases dessas direitas durante o século XX na região?

Ernesto Bohoslavsky: É bem difícil responder isso, porque não é simples encontrar tendências compartilhadas por todos os países. Eu diria que uma periodização possível tem a ver com como são percebidos e enfrentados um conjunto de problemáticas mais globais ou hemisféricas. E nesse sentido, é evidente que tem a presença de novas direitas com a Revolução Russa e com aqueles dois anos vermelhos entre 1919 e 1921. Tem as primeiras aparições de uma direita anticomunista, mas também antiliberal, que acha que projeto liberal e ocidentalista da segunda metade do século XIX com as Constituições, não conseguem expressar a alma nacional e que seriam uma invenção inglesa que nada tem a ver com a origem ibérica e católica. Lá tem um primeiro conjunto.

341

O segundo tem a ver com a aparição dos grupos inspirados pelo fascismo nos anos 30. Tem nos anos 20 alguns começos, mas são bem mais marginais. Nos anos 30 tem claramente. O Integralismo brasileiro é o mais importante de todos, mas acho que tem uma sensibilidade fascistóide que é bem disseminada em todo o continente.

A terceira etapa tem a ver com o final da Segunda Guerra e o fim do flerte das direitas com o fascismo. Aquela possibilidade acabou. Seja honestamente, seja hipocritamente, mas acabou. E a direita teve que fazer uma reconversão, uma reciclagem, que incluiu a aceitação da democracia. Não importa se é honesto ou se não é, mas o fascismo não pode mais ser invocado como princípio alternativo. Então tem o processo de tradução da realidade política nacional a uma lógica mais próxima da Guerra Fria. Muito daqueles que eram homens de direita, antiliberal conseguem se reinventar como anti comunistas e democratas. Esse processo tem ligação com a perseguição aos partidos comunistas, no Brasil, Chile, Argentina e Uruguai. São perseguições que não têm muito a ver com o tamanho real dos partidos comunistas. Provavelmente temos que pensar as ditaduras como um novo momento das direitas, mas caracterizados pela forte presença do ator militar, e um momento no qual o anticomunismo vira praticamente a ideologia oficial dos regimes. No caso do Brasil,

tem aquele matrimônio entre anticomunismo e desenvolvimento. No caso do Chile, tem aquele outro matrimônio entre anticomunismo e neoliberalismo e segurança nacional.

Mas essa outra etapa acaba nos anos 80, que é o momento no qual emerge uma direita em boa medida nova, que é aquela direita neoliberal, que tem algumas diferenças, mudanças a respeito dos atores mais velhos. Muitas dessas mudanças tem a ver com o fato de que os neoliberais têm uma agenda que é muito mais econômica que política. Eles não têm vontade de mudar a Constituição, salvo naquelas questões que tenha a ver com a organização da economia, mas eles carecem de aquele desejo de refundação simbólica da nação que talvez tinha o Plínio Salgado e os fascistas, ou que tinham as própria ditaduras. Os neoliberais, nesse sentido, têm uma forte inclinação contra a política, pelo fato de pensar que a economia e a política têm as suas próprias leis, têm cada uma os seus próprios campos de influência, sua própria lógica e não devem se tocar.

342

A outra questão que faz diferença tem a ver com o fato de que as direitas neoliberais são bem ocidentalistas. Seu propósito é virar um país mais parecido aos europeus ou aos Estados Unidos ou mesmo aos países do sudeste asiático, mas claramente renunciaram ao propósito de expressar alguma particularidade nacional. Não tem aquela vontade de respeitar nossa herança católica ou nossa herança lusitana ou espanhola, não tem essas marcas mais comunitaristas ou organicistas.

E a última que colocaria como uma diferença, tem a ver com o fato de que a Igreja Católica normalmente está mais fora do que dentro da coalizão neoliberal. É mais fácil achar a Igreja expressando sua preocupação com os impactos sociais e os custos sociais das reformas neoliberais do que celebrando a ampliação do mercado. E é por isso que as coalizões têm normalmente boa relação com aquelas igrejas que não são católicas, sobretudo as igrejas neopentecostais que compartilham a teologia da prosperidade, aquela perspectiva mais individualista sobre a salvação da pessoa.

Renato Ribeiro: O senhor tocou brevemente na questão da relação das direitas com o liberalismo. Na América Latina, não houve, como na Europa, o surgimento de uma burguesia “revolucionária” na luta contra o Antigo Regime, progressista, portadora histórica dos valores liberais de proteção do indivíduo contra os arbítrios do Estado

e da autoridade. Como esse fato influenciou a atuação política das elites latino-americanas? Como o senhor enxerga a apropriação que as elites fizeram do liberalismo na América Latina?

Ernesto Bohoslavsky: Eu não estou tão convencido de que as elites europeias tenham sido mais liberais que as americanas. De fato, quando você compara o século XIX europeu e o século XIX latino americano, eu acho que os regimes políticos latino americanos são bem mais liberais que os europeus. Existem muito mais monarquias absolutas no século XIX na Europa do que na América. A América não tem monarquias absolutas, o próprio Império Brasileiro não foi isso. Na América, tem aquela febre por produzir Constituições. Quando foi a primeira vez que a população russa conseguiu votar? Foi após a revolução de 1905. A gente na América Latina votava há quase um século atrás. Então eu não sei realmente qual continente foi mais liberal que o outro. Acho que o que a gente pode concordar tem a ver com o fato de que o liberalismo não foi um objeto de consenso, não gerou imediatamente coesão entre as elites, mas divisões. Boa parte das lutas no século XIX na Colômbia, no Equador, no Chile, são divisões precisamente sobre quanto do liberalismo deve ingressar na Constituição e na vida política da nação. Penso que é muito mais um objeto de disputa, do que uma chamada que gere imediatamente consenso entre as elites.

343

Renato Ribeiro: Mas pensando nas direitas ditas liberais do pós-Segunda Guerra, e mesmo nas direitas liberais atuais, parece que existe um limite até onde vai o seu liberalismo, a defesa da democracia e dos direitos humanos. Quando as pressões das camadas mais populares por distribuição da renda nacional ou por mais direitos extrapolam certo limite tolerado pelas elites, mesmo os atores mais identificados com posições liberais parecem admitir soluções autoritárias que resolvam o conflito político. Um liberalismo que parece se restringir principalmente a pautas econômicas.

Ernesto Bohoslavsky: Provavelmente não existe só um liberalismo. É uma tradição múltipla. Tem muitos atores que se chamam de liberais. Eles têm entre si um

conjunto de brigas, de disputas sobre o que é ser um bom liberal. Mesmo entre os neoliberais, existe um conjunto enorme de disputas entre eles sobre qual é a forma legitimamente neoliberal de fazer as coisas. É normal.

No caso, o Brasil tem uma relação bem tensa com o liberalismo, de fato. A história do Brasil no século XIX é a história de uma nação liberal que é compatível com uma ordem escravocrata, que pode compatibilizar esses princípios. Mesmo a própria democracia brasileira entre 1945 e 1964: quanto tem de liberal uma democracia na qual o PCB está banido? E pelo contrário, até que ponto é iliberal a ditadura que manteve as eleições regularmente após 1964?

Renato Ribeiro: A denominação “novas direitas” que tem sido adotada pelos pesquisadores e analistas para caracterizar essa onda direitista global no século XXI implica em reconhecer que se tratam de atores que diferem entre si, seja ideologicamente, seja na forma de atuação, mas também que diferem em conjunto das direitas do passado. Quais traços comuns o senhor diria que essas direitas possuem e que constituíram a sua novidade?

344

Ernesto Bohoslavsky: Provavelmente, as mudanças tem a ver com o fato de que parecem ser direitas que pelo menos formalmente têm renunciado à vontade de promover golpes de Estado. Essa opção de chamar um general amigo parece estar esgotada. Em todo caso tem outras opções como os golpes parlamentares, como no caso do Paraguai, no caso do Brasil ou aquela coisa também difícil de classificar como foi na Bolívia. Mas a aparição de tanques e tropas armadas na capital da nação, aquela parece ser uma coisa bem demodê.

A segunda questão que eu colocaria é que são direitas que tem vontade de ganhar eleições. Não são partidos de direita norteadas para vencer no debate ideológico, para ganhar a alma nem só o apoio das elites. Claro que tem essas vontades, mas sobre todo elas desejam ganhar as eleições. Isso implica que eles vão jogar o jogo da democracia, esse jogo de ter mais votos que o rival. Eles vão fazer alianças com sujeitos impresentáveis, como o próprio PT fez, como o próprio peronismo fez. Então há uma característica bem diferente quando você compara com aqueles ideólogos dos anos 30 ou 50, que falavam para os educados. Pensando, por exemplo,

na Revista Cultura Política, aquela revista do Estado Novo, não é uma revista pra ganhar eleições.

A terceira coisa é que são direitas que não tem aquela ligação histórica com a Igreja Católica. São direitas, nesse sentido, mais ecumênicas, inclusive por aquilo que mencionei, pela densidade antiliberal da Igreja católica, pelo fato de que a Igreja Católica em algumas ocasiões ficou contra as ditaduras, como no caso do Paraguai, do Chile ou do Brasil. Então tem uma sensibilidade, uma certa história que faz ligação entre a Igreja e movimentos sociais. Aquilo permitiu um processo de identificação que foi muito impermeável à chegada do neoliberalismo.

As conexões das novas direitas são mais fortes com as igrejas não católicas, as neopentecostais, que são muito mais sensíveis a esse discurso da salvação pessoal, pelo esforço próprio, da meritocracia que fala daqueles que são recompensados por Deus pelo seu trabalho duro, por não ter feito jamais nessa vida uma greve... Tem um processo de aproximação ideológica entre os interesses dos empresários e os discursos das Igrejas pentecostais. Agora, eu não gosto das interpretações que pensam que as pessoas que assistem aos serviços religiosos neopentecostais compram todo o discurso. Eu não acompanho essas interpretações que supõem que os pobres façam tudo aquilo que são ordenados a fazer. Pra mim é preciso conhecer que outros discursos eles escutam: que discursos os sindicatos, a Igreja Católica, os partidos políticos de esquerda oferecem? Que outros recursos eles oferecem para melhorar a situação social e econômica dessa população? Nesse sentido, as igrejas neopentecostais provavelmente brindam um conjunto de ajudas, uma rede de contenção que é indispensável, por exemplo, para os favelados. É ter um amigo dentro da Igreja que faz uma recomendação, que diz “vem pra trabalhar comigo”; ter uma amiga dentro da Igreja que pode cuidar dos meninos enquanto essa mulher trabalha; ter uma igreja que ajuda com uma grana pra comprar um terreno; ter 4 pessoas que num domingo vão ajudar a construir a casa. Tem lá um conjunto de soluções que funcionam na realidade. Você não precisa de coesão ideológica para isso dar certo. Então a retirada do Estado desses problemas sociais tem como resposta a aparição dessas formas de baixo pra cima, de auto-organização popular.

Renato Ribeiro: Um dos pontos de aproximação dessas novas direitas com as igrejas neopentecostais seria então essa negação da centralidade do Estado na vida? Porque eles não têm Estado ali e as questões que deveriam ser resolvidas por políticas públicas encontram essa outra forma de resolução, por meio das redes de sociabilidade formadas nas igrejas.

Ernesto Bohoslavsky: Pra um favelado, qual é o Estado que ele vê? A polícia. Esse é praticamente o único Estado que ele conhece. No Brasil tem miles de pessoas sem documentação pessoal, sem registro civil de nascimento, pessoas que não existem, pessoas que não tem seu nascimento registrado pelo Estado. Qual é o Estado para essas pessoas?

Renato Ribeiro: O senhor já afirmou em outras entrevistas que o elemento de união das direitas seria a percepção de um inimigo comum. Como essa característica marca os governos dessas coalizões direitistas, no momento de formular um programa de governo e de manter coesas essas coalizões?

346

Ernesto Bohoslavsky: A noção de direita é uma noção analítica, é uma maneira de fazer um mapeamento dos atores políticos, não é uma coisa que exista em si mesma. É uma categoria com a qual é possível classificar atores. O que eu defendo é a ideia de que as direitas podem ser reconhecidas pelo fato de que elas identificam um inimigo compartilhado. Agora isso não significa que os vínculos entre as diversas organizações de direita sejam vínculos de confiança, de amizade, mas são vínculos que são de concorrência. Mas são também vínculos de solidariedade quando estão confrontando a um ator de esquerda. Agora, quando esse confronto com atores de esquerda fica resolvido, é um momento em que é mais provável o aparecimento de disputa, de tensões entre os sócios das coalizões (é o caso do Brasil atual, um governo que não consegue estabelecer conexões entre os diversos grupos empresariais, entre os diversos partidos da direita).

Acho que é melhor perceber o caráter plural das direitas sempre. Que ela tenha vencido não significa que tenham desaparecido os problemas internos. Uma boa coisa é pensar as direitas como um campo no sentido de Bourdieu como já propôs o

professor Bendicho Beired da UNESP. Existem diversos atores de direita que tentam se impor sobre outros, existem os atores dominantes, os marginais e os atores novos, desafiantes. Então é um campo essencialmente dinâmico que vai mudando o tempo todo. Nesse sentido, por isso, você precisa de uma análise ao longo do tempo, mais que uma classificação. São vínculos relacionais sempre, vão mudando de posições.

Renato Ribeiro: Apesar de ser um fenômeno novo em termos eleitorais, há um trabalho muito anterior dos atores ligados a essas novas direitas em construir novas interpretações de mundo, difundi-las, organizar partidos, think tanks, redes sociais, etc. O fenômeno das direitas vai além de um fenômeno eleitoral, atingindo diversos setores da sociedade como a cultura, as artes, as religiões. Esse aspecto é muito visível no Brasil. Pode-se dizer que há uma direitização das sociedades latino-americanas atuais em geral? A própria questão das igrejas, ela avança também nos outros países?

347

Ernesto Bohoslavsky: Nem tudo é jabuticaba: de fato, tem um forte crescimento dessas igrejas no Peru, na Bolívia, na América Central, no México. Mas no caso do Brasil tem alguma coisa particular. Eu gosto muito do conceito de direitização, que é o processo pelo qual cada vez mais pessoas adotam o ponto de vista que pode ser considerado de direita, o que na minha perspectiva tem a ver com a adoção de um ponto de vista que naturalizar as relações sociais, que tem a ver com uma aceitação das hierarquias sociais. Esse é um ponto de vista conservador. O que apareceu no Brasil é uma coisa bem interessante, que não é apenas a tentativa de conservar a ordem social, mas de restaurar uma ordem social supostamente perdida, um tempo no qual os homens eram homens, as mulheres eram mulheres e os filhos respeitavam aos pais, nenhum negro entrava na universidade, os aeroportos eram pra gente que tem condição, aquela idealização de um tempo áureo.

Isso se expressa obviamente na intensificação do ódio racial, homofóbico e contra os trans. Não é só de direitização, tem umas marcas que são muito mais de revanche, de tentativa de restaurar, não somente de deixar todo mundo calmo mas de voltar para trás. Essa é uma grande novidade, acho que tem pouco a ver com a tradição

brasileira, que é normalmente uma tradição mais conservadora do que fascista propriamente, uma tradição de hierarquia cordialmente imposta.

Agora uma das perguntas interessantes pra mim é se o triunfo de Bolsonaro explica a ampliação dessa direitização ou se o triunfo de Bolsonaro é o resultado de uma direitização prévia. Se foi o triunfo da coalizão do Bolsonaro que permitiu, alimentou, estimulou a aparição de discurso de práticas claramente contra esses direitos humanos ou se, pelo contrário, Bolsonaro é a expressão política dessa mentalidade direitista. E se esse é o caso, realmente o problema é muito mais grave. O problema não é Bolsonaro, o problema são as pessoas que votam nele. Porque Bolsonaro existiu em termos políticos como por trinta anos: em algum momento ele já não foi o maluco, começou a ser entendido como possível presidente do Brasil. A compreensão desse processo pelo qual um sujeito que é medíocre em quase todos os sentidos conseguiu ser eleito, deve ser feita da maneira menos normativa possível. Mesmo por razões pragmáticas, para evitar a repetição daquele negócio.

348

Nesse ponto, eu acho que aí tem uma pergunta que é possível de compartilhar com outros países latino-americanos, que tem a ver com quanto dessa virada à direita que o continente viveu nos últimos 5, 7 anos. Quanto disso tem a ver com os processos sociais, políticos e simbólicos vividos no continente sob a “maré rosa”? Quanto do fenômeno Bolsonaro, quanto do triunfo do Macri, quanto do golpe na Bolívia, tem a ver com a mastigação social pelas classes médias, pelas classes altas e mesmo por uma parte das camadas populares das transformações simbólicas e identitárias que foram propostas e desenvolvidas pelo PT, pelos governos dos Kirchner, pelo governo da Frente Ampla no Uruguai, pelo governo do Evo Morales na Bolívia?. Essa questão pra mim é politicamente central. A compreensão de como as dinâmicas políticas, de redistribuição de renda, mas também de oportunidades vitais, de refundação simbólica da nação, gerou boa parte dessa crispação de ódio que foi expressa nas urnas, mas também nas ruas, nas falas privadas, dentro das salas, nos botecos, no transporte público. Ali tem processos de politização, de radicalização mesmo, pela direita. Eu não estou culpando os governos progressistas disso, eu não estou dizendo que não deveriam ter colocado as cotas raciais nas universidades, não estou falando isso. Estou falando que essas mudanças claramente geraram reações.

Sempre me lembro de uma discussão que tiveram os exilados chilenos na Europa após o golpe. Nessa discussão, estavam de um lado os socialistas que achavam que o governo do Salvador Allende tinha ido rápido demais e que por isso tinha assustado as camadas médias, as forças armadas, os empresários. Finalmente, o golpe de 1973 foi por culpa dessa aceleração. E a perspectiva inversa era aquela que tinham os comunistas, que falavam que o problema foi exatamente o contrário, que as mudanças foram devagar demais e deu ao empresariado e às forças armadas a possibilidade de acabar com a experiência de socialismo. Então, qual foi o problema pensando agora a experiência dos governos do PT? Foi amigo demais da ordem social ou foi pelo contrário devagar demais e não colocou na agenda a questão da mídia, da propriedade da terra, a questão dos direitos humanos? São perguntas essencialmente políticas, mais do que propriamente científicas e que acho que é importante colocar em discussão.

349

Renato Ribeiro: Ao mesmo tempo em que existe essa direitização da sociedade, por outro lado, a gente percebe o surgimento e fortalecimento de outras lutas sociais identificadas com as pautas progressistas. Por exemplo, é muito visível o fortalecimento do feminismo, das lutas de LGBTQs, das lutas por igualdade racial, nos últimos anos. São processos que inclusive podem ter sido desencadeados ou impulsionados por consequências das políticas de inclusão social, como aumento da renda ou acesso de jovens negros às universidades. Existem interpretações, como da Prof Rosana Pinheiro Machado, que relacionam essa ressonância do discurso conservador, direitista, na sociedade, principalmente entre os homens, com a existência de uma crise de identidade do “macho”, alimentada pelo avanço das pautas feministas e identitárias. O senhor concorda com essa ideia?

Ernesto Bohoslavsky: Eu concordo com essa ideia de que há uma revanche patriarcal contra o processo de desnaturalização da ordem social. No caso da Argentina, as últimas estatísticas indicam que tem um feminicídio por dia nos primeiros meses deste ano. São números piores que o do ano passado. E acho que a intensificação da violência machista é a resposta individual ao fortalecimento do movimento feminista, porque os homens que batem e assassinam, não têm

argumentos, só tem mais força física. É por isso que eles assassinam, mas também eles fazem uma espécie de show da violência, com níveis de crueldade que são incríveis.

O ódio à população e movimentos LGBT e a luta contra o feminismo devem ser percebidos como a tentativa de colocar novamente os animais dentro dos currais, o espaço onde o gado gado está controlado. O problema é que o gado já saiu e já não é mais gado. Pra colocar ele dentro novamente tem que exercer muita coerção, muita violência. Acho que os assassinatos, por mais que eles sejam processos individuais, fazem parte dessa resposta não ideológica, não argumentativa. São as respostas aos desafios vividos especialmente pelos homens brancos, são as respostas aos desafios sobre a sua identidade, sobre a sua dominação historicamente construída.

350

Eu gosto muito do trabalho de uma pesquisadora argentina chamada Laura Rodriguez Agüero, que propõe que a última ditadura argentina tem que ser pensada não só como uma ditadura militar, eclesiástica e do empresariado, mas também como uma ditadura que expressa uma revanche patriarcal. É um esforço por recolocar as mulheres onde elas tinham que estar, pra tirar as mulheres da rua, colocar as mulheres dentro de casa fazendo o que tinham que fazer: produzir argentininhos. Gosto muito dessa ideia, porque permite perceber como as políticas públicas e as declarações dos governantes, são traduzidas a práticas cotidianas e aparentemente não ideologizadas. Mostra como as declarações que aparecem nas capas dos jornais são traduzidas e adaptadas para a vida cotidiana de pessoas que não gostam da política. “Eu não gosto da política, mas a minha mulher sempre cozinha, ela é quem tem que limpar a casa. Isso não é a política, as coisas são assim.” Essa tentativa de normalizar de restaurar é uma expressão inconscientemente ideológica da direita. A tentativa de voltar pra um mundo que vai em boa medida se perdendo.

Renato Ribeiro: Em relação aos jovens e mulheres de direita, que tem sido um dos temas mais estudados dentre os pesquisadores do grupo da CLACSO, quais são os motivos que os levam a defender pautas conservadoras e/ou antifeministas?

Ernesto Bohoslavsky: Tem muitas razões, mas acho que as mais importantes tem a ver com quais são as outras ofertas políticas e identitárias disponíveis. Nesse caso, provavelmente para muitos dos jovens brasileiros que foram pra rua, após 2014, o antipetismo foi chave, a percepção de que do outro lado estava o outro total, uma identidade na qual eles não conseguiam se reconhecer de nenhuma maneira. Eles insistem de fato, na Argentina também, na questão da meritocracia, de que o Estado não deve ajudar a quem não precisa de ajuda e que o destino pessoal vem marcado pelo esforço pessoal. Sobre essa questão, são colocados um conjunto de expectativas de política pública mas também um conjunto de expectativas de restauração social. Estou pensando por exemplo na questão das empregadas domésticas, das faxineiras, é que agora essas pessoas têm direito trabalhista, a férias, etc. Eu participei de uma fala com um amigo que estava surpreso pelo fato de que sua empregada também tinha Netflix na casa. Então a sua empregada podia ver os mesmos filmes que ele. Acho que sua perspectiva tem a ver com aquela coisa que o filósofo político italiano Bobbio já colocou no debate 25 anos atrás. O que define a direita tem a ver com a aversão à igualdade e a vontade de estabelecer diferenças; pelo contrário, a pertença a esquerda tem muito mais a ver com a convicção de que os homens somos iguais e que todas as formas de fazer diferença são formas socialmente construídas e, portanto, são podem ser socialmente mudadas. Por isso que nas convocatórias dos jovens e das mulheres tem aquela vontade de restaurar o que é natural, aquilo que foi perdido por causa da politização artificial, da intervenção ilegítima do Estado na distribuição de oportunidades, de renda, de direito à educação. O acento não está colocado na questão dos direitos, mas na questão do merecer.

Renato Ribeiro: Muitos dos movimentos e governos de direita atuais adotam discursos contrários às instituições democráticas e aos partidos políticos, bem como de elogio à forma ditatorial, pregam a perseguição/destruição da oposição e utilizam-se de retórica racista (embora baseada na manutenção de uma pureza cultural/identitária ao invés da superioridade racial do século passado). Para parte de seus opositores políticos e dos analistas, esses sinais caracterizariam um retorno - ou uma perigosa aproximação - ao fascismo. Em que medida o senhor pensa que seria possível identificar a extrema direita atual ao fascismo ou ao neo-fascismo?

Ernesto Bohoslavsky: Você tem tantas definições de fascismo como pessoas que existem no mundo. Se você quiser encontrar uma definição de fascismo que seja boa para compreender o Bolsonaro, você vai encontrar. Tudo depende da definição de fascismo que você gosta de utilizar. Na perspectiva na qual eu compreendo o fascismo, acho que o termo gera muito mais confusão do que utilidade. Penso que pode ter mais vantagem política do que epistemológica. Existem muito mais diferenças do que semelhanças. Por exemplo, não tem processo de superação da ordem legal nem a vontade fazer um regime político alternativo. Nesse sentido, eu acho que o que o governo Bolsonaro deseja mais é sabotar e esvaziar de sentido as instituições políticas mais do que mudá-las. Tem muito mais vontade de desrespeitar a Constituição do que trocá-la. Nesse sentido, não tem um processo de rompimento formal com a democracia, nem a organização dum exército do partido. Claro que tem violência, mas não tem aquela coisa bem típica do fascismo que é a organização de grupos de choque, com uniforme. Tem claramente gente que faz o trabalho sujo dos Bolsonaros, mas são muito mais mercenários e milicianos, do que uma propriamente milícia do partido. Não tem o *Führerprinzip* nem a vontade de substituir a ordem legal pela decisão de um líder. E finalmente acho que não tem aquela expressão que é bem típica do fascismo que é o desejo de modificar as fronteiras nacionais, aquela coisa da expansão territorial, isso não está. E por isso que acho que a utilização do termo fascismo oferece muito mais barulho do que ajuda.

Renato Ribeiro: A relação entre a prática científica e o exercício da política é um tema já bastante discutido nas ciências humanas e sociais mas, frente aos ataques recentes ao conhecimento científico, este tema parece ganhar uma importância ainda maior. Dentro deste contexto, qual a importância política de estudar as direitas? Em alguma medida isto se apresenta como uma dificuldade a mais para o estudo do tema?

Ernesto Bohoslavsky: Eu acho que estudar as direitas é um problema de saúde pública. É um problema urgente a compreensão. Na minha perspectiva, é

importante, sobretudo, o estudo não das lideranças mas dos seguidores, das camadas mais populares. Penso que isso deve ser o tema mais enfocado nas próximas pesquisas.

* * *

Ernesto Bohoslavsky é atualmente professor da Universidade Nacional de General Sarmiento (Buenos Aires, Argentina) e pesquisador independente do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). Seu campo de especialidade é a história das organizações de direita na Argentina, Chile e Brasil. Coordena o Grupo de Trabalho da Clacso “Derechas contemporáneas: dictaduras y democracias”. É autor de quatro livros e de numerosos artigos publicados em revistas e livros na Alemanha, Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Espanha, Estados Unidos, França, Israel, Inglaterra, México e Polônia. Nesta entrevista, realizada em 11 de março de 2020 por videoconferência, o professor Ernesto traça um quadro abrangente das direitas latino americanas desde o início do século XX e analisa a recente onda direitista nos governos e sociedades da região.

353

Recebido em 26 de março de 2020

Aprovado em 15 de maio de 2020

<https://doi.org/10.31990/agenda.2020.1.12>